

Da obra de  
**Manoel Ambrósio Alves de Oliveira**

# URUCUÍANAS



Da obra de  
**Manoel Ambrósio Alves de Oliveira**

# URUCUÍANAS



**Organizadores**

Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida

**Capa**

Ramiro Esdras Carneiro Batista/Montagem Unigala

**Transcrição**

Ramiro Esdras Carneiro Batista

**Revisão**

Diocília Ambrósio Batista  
Ramiro Esdras Carneiro Batista

*Os organizadores optaram por preservar a grafia constante dos originais do autor.*

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração:** Resiane Paula da Silveira

**Conselho Editorial**

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP  
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF  
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR  
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC  
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS  
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP  
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL  
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB  
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE  
Me. Kleberson Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA  
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional  
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Urucuanas – poesias (Manoel Ambrósio em Versos – Vol. II)  
B333u / Ramiro Esdras Carneiro Batista; Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 71 p. : il.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-85101-40-0  
DOI: 10.29327/5419738

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Urucuanas. 3. Poesias.  
I. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Almeida, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. III. Título.

CDD: 398.2  
CDU: 39

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)  
[editoraunigala@gmail.com](mailto:editoraunigala@gmail.com)  
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.unigala.com.br/2024/08/urucuanas.html>





Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

# URUCUIANAS

*poesias*

(1914-1940)

1<sup>a</sup> Edição



*“O poeta não cria: canta. [Sua arte é] dolorosamente efêmera: relampeja, fugaz, nos momentos de febre inspiradora, quando ele tateia formas novas para a exteriorização do seu magma íntimo, do seu mundo interior (...) Obra escrita – obra já lida – obra repudiada: trabalhar em colmeias opacas e largar o enxame ao seu destino, mera aventura de brisas e asas.”*

(João Guimarães Rosa - discurso reproduzido no livro de anais da Academia Brasileira de Letras de 1937)

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Nota editorial .....                              | 08 |
| Bilhete – cópia (Catulo da Paixão Cearense) ..... | 09 |
| Urucuianas (poemeto) .....                        | 11 |
| Flor do mato (sic flos agri) .....                | 17 |
| Idilios .....                                     | 18 |
| Neves .....                                       | 20 |
| As flores .....                                   | 21 |
| Casa agreste .....                                | 23 |
| Maracanãs .....                                   | 25 |
| Arrulos .....                                     | 26 |
| Angelicas .....                                   | 28 |
| Palmeira .....                                    | 30 |
| Flor azul .....                                   | 33 |
| Tumulos do campo .....                            | 34 |
| Andorinhas .....                                  | 36 |
| Beija-flor .....                                  | 39 |
| Folha errante .....                               | 42 |
| Harmonias .....                                   | 43 |
| Poente .....                                      | 45 |
| A tarde .....                                     | 46 |
| Ilusão .....                                      | 48 |
| O lenho e o poeta .....                           | 49 |
| Frades de pedra .....                             | 52 |
| Partida .....                                     | 54 |
| Adeus! Á Bôa Vista .....                          | 55 |
| Nenia – A memoria de Manoel Salgado .....         | 57 |
| Saudade – A memoria de João S. Pessôa .....       | 58 |
| Flores agrestes .....                             | 60 |
| O Urucuia (lenda – poemeto) .....                 | 62 |
| O Autor e sua Obra .....                          | 66 |

### ***Nota editorial***

Esta primeira edição de *Urucuianas* : poemas dá a conhecer um dos manuscritos de Manoel Ambrósio dentre aqueles à espera de leitores. A poesia do autor, anunciada em *Paranapetinga*, revela-se na inédita *Urucuianas* por meio das evocações e figurações da paisagem natural do sertão dos gerais. A publicação dessa obra visa compor o acervo digital, com a totalidade da obra do autor, disponibilizado com acesso gratuito na rede internacional de computadores.

Essa edição, semidiplomática, insere-se no escopo de investigações partilhadas entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Universo sanfranciscano,

Outono de 2024.

***Bilhete - cópia***

*A Manoel Ambrósio,*

*meu irmão em ideal.*

*Li os teus versos e achei-te um belo poeta.*

*Engenho de Dentro,*

*Catulo da Paixão Cearense.*



**URUCUIANAS**  
**(poemeto)**

*Té que vejo maravilhas  
Dos campos urucuianos  
Com seus rincões veteranos,  
A terra um poema assim:  
Temperados, puros ares,  
Muitos rios seculares,  
Lindas tribus de palmares,  
Soberbas orlas sem fim.*

*Do alto sertão descendo  
Ao xoque dos ribeirões,  
Serpenteiam veredáes  
Dos carrascaes na leveza.  
O tabaréo no conceito,  
Muito ilustrado perfeito  
Um grande livro bem feito,  
O livro da natureza.*

*Claras aguas das vertentes  
Escorrem frias nos montes;  
Fervendo borbulham fontes  
Por fragas, quebradas mil.  
Unidas, formosas cenas  
De tardes frescas, serenas  
Com as cordilheiras morenas  
Bordam painéis do Brasil.*

*De valentes tributários,  
Espigões, gigantes serros,  
Se esboçam destes desterros  
As copas das imburanas;  
As pradarias luzentes,  
As hialinas torrentes  
E os tesouros eloquentes  
Das bélas terras serranas.*

*Por fertilíssimos mateiros  
Das margens, das [ilegível]  
Do fundo das matarias  
Passam de largo os tufões.  
Amenos climas se azulam,  
Densos brumarios se osculam  
E as folhagens se ondulam  
Ao sopro das virações.*

*No topo de altas penhas  
Frondejam arvores distantes:  
Cedros, ipés flamejantes,  
Suspensos jardins selvagens.  
O ceo, beijando as espaldas,  
Tocam de neves as fraldas  
E os louros verde-esmeraldas  
Das sombras nessas paragens.*

*Nas penumbras infinitas  
De um paraizo esquecido,  
Buscam azas escondido  
Um canto nos matagaes.  
Tôscas rôlas, turturinas,  
Soltam estrofes das ravinas,  
Os canarios das campinas  
E as pombas dos seus pombaes.*

*Curraleiro touro escava  
Poeiras aos ceos bramindo,  
E os ecos repercutindo,  
Xêgam aos outros socegados;  
Leguas, leguas, se alongando,  
Vão girando, vão rolando,  
Em derrotas se acabando,  
Morrendo nos descampados.*

*Verdejantes pastoreios  
Ostentam o mais nedio gado,  
Onde o jaguar mosqueado  
Enterra as patas no xão.  
Presente o tapir rumores,  
Queixadas rufam tambores,  
E veados corredores  
Azulam-se na solidão.*

*A ema geme no campo,  
O sucuri no paral.  
Daquela montanha azul  
Estão voando fragores.  
São os primátas trepados,  
Pelas caudas pendurados,  
Imitando – esses barbados –  
Engenhos dos lavradores.*

*Ao luar silencioso  
Que arias, matas agrestes!  
Soltam notivagos celestes,  
Travessos caliangús!...  
– cavatinas mortaes –  
Orquestras e festivaes,  
Sahindo dos barrocaes,  
Quando nos sonhos ha luz.*

*Nas vazantes, nas savanas,  
Que divinas serenatas!  
Dirieis: que traviatas  
Dos seres do interior!  
Debaixo da burarema  
Um trilo de siriema  
Vale mais que um poema  
Nas canconêtas do amor.*

*Selvas moças se levantam  
De antigas capoeiras,  
O mundo das trepadeiras,  
Bromélias de todo o âno;  
As lianas e as éras,  
O musgo das primaveras...  
Vestindo antigas taperas,  
Ramagens de São Caetano.*

*Dos alcantis inclinados,  
Dos talhados em muralhas,  
Escavam brancas toalhas,  
Saltando nesses fundões.  
São velozes caxoeiras,  
São precipites corredeiras,  
Roncando das pirambeiras  
Do alto dos xapadões.*

*Tudo tem alma, tem vida  
Nas cavernas, nas agruras,  
Pelas tocas, pelas buras,  
Ha um cantinho feliz.  
Toda a opulencia seduz,  
Mostra a messe que produz  
E assim tudo o que reluz  
Na terra do meu Paiz.*

*Nestas plagas sertanejas  
Nesta téla cinzelada  
A mão de Deos estampada  
Faz sentir Christo no horto;  
E num relanço condenados  
Os sertões abandonados,  
E... a trabalhos forçados,  
Estes galés sem conforto.*



## **FLOR DO MATO**

*Sic flos agri*

*Feliz lá no campestre a flor desabrochando  
Pela viração da noite tenebrosa,  
A' luz d'alguma estrela no ceo silenciosa,  
Nas frinxas de um roxêdo acre tescalando.*

*Infinita ternura – encanto desta rosa –  
No vale muito exul, triste sonhando,  
Numa vibração constante sonorando  
Nas orlas do vergel da brenha perfumosa.*

*No ara embalsamado o xeiro d'ela  
Sente-se no sarçal escuro e ladeirento,  
Que o frio gelo tanta vez descora.*

*Viva ela está; so por isto, muito bela;  
A madrugada passou... gemeu o vento,  
A aurora veio... e ela não teve a aurora.*

## ***IDILIOS***

*Andam as aves da noite  
A' luz da luz piando,  
Vem no meio da floresta  
Por outras aves xamando.*

*E cantam umas canções  
Tão ternas que causam dó:  
- Primaveras perfumadas -  
- Amores... amores... só.*

*E que sons, que melodias,  
Que arias tão divinaes!  
Que plangentes bandolins,  
Vagando nos barrocaes!*

*Vibram nos ares, ondeiam,  
Graves notas argentinas;  
E a bucolica amenidade  
Temperam arpas divinas.*

*Concertos e sinfonias  
Afugentam espíritos máos.  
Quantas lendas embaladas  
Ao canto dos bacuráos!*

*Lavam rastilhos de luz  
Ceos e astros reluzentes,  
Pela terra derramando  
De prata alvas torrentes.*

*Quanto segredo, quem sabe,*

*Nesse rumor montanhez!*

*– Relíquias de antigas éras*

*Nos verdes vales talvez!*

*E' bem tarde; no vargêdo*

*Branda fonte o campo invade.*

*Lindas faxas lá cintilam*

*Miragens de claridade.*

*Escuta, minh'alma, escuta,*

*O vento a romurejar.*

*A noite tambem tem flores*

*E as aves cantam ao luar.*

## NEVES

*Nas plagas serranas despertam-se albores,  
Fragores e selvas esposam-se já.  
Por noites e dias,  
Por sendas bravias  
Os astros suspiram,  
Deliram  
Acolá.*

*Ali nas espaldas ha talamos amenos,  
Ha trenas velozes ao som das vertentes.  
Ao raio que medra  
Gigantes de pedra  
Entornam  
Resonam  
A' flux das torrentes.*

*Por eles resvalam, se elevam divinas,  
Neblinas e neves em um so farfalhar.  
Por cima dos serros,  
A' voz dos desterros.  
Caladas,  
Paradas,  
Se põem a escutar.*

*São virgens da noite, da luz que flutúa  
Da lua, de estrelas, de ventos do val.  
São délas os cantos,  
São del'as encantos  
Das rasas  
Formosas  
Da quadra ibernal.*

## **AS FLORES**

*As flores dos vales as petlas abrindo,  
Singélas sórrindo.  
Nas veigas á brisa se ostenta a cochilar.  
Campinas e prados, corólas tão lindas,  
Tém tantas infindas,  
Sensivas  
E vivas,  
Que invejam as estrelas  
Dum ceo sem luar.*

*Nas auras errantes ha sons amorosos,  
Subtis vaporosas,  
Na fuga ondulante da luz refulgente.  
Se a folha susurra, se ha vagos rumores,  
Flores, mais flores,  
Se abrolham,  
Desfolham,  
Juncando os caminhos em paz... docemente.*

*E a tarde  
Se arde,  
Falando  
Cantando  
Sonhando  
Nas ramas,  
Solares.*

*E as aves  
Suaves  
Se inspiram,  
Deliram,  
Trinando,  
Scismando,  
Voando  
Nos ares.*

## **CASA AGRESTE**

*Do alto da xapada eu vejo a casa agreste,  
Bem branquinha ao pé da serraria;  
Uma visão do ceo parada e pesaroza  
Nas pedras do desterro, além da morraria.*

*Béla! Ó muito bela, ao longe... solitaria...  
La na encosta da côr de um manto azul;  
Tão alva semelhando a garça repousada,  
Olhando da ribeira as aguas num paúl.*

*Em torno déla a selva, verdes píncaros,  
Espaldas da montanha, montes nevoeiros.  
Laivos de sangue, tintas de harmonias  
Da tarde a descambar do vale nos roteiros.*

*Um trino solto, ameno;  
No fragor do matagal gorgeia um passarinho,  
Um livre idilio parece estar cantando  
A propria soledade à beira do caminho.*

*Bemdita casa no viso brumarento  
De brenhas e de sólis, de sombra e claridade!  
Porque confrange-me envolto o coração  
No manto da morada – a esfinge da saudade?...*



## **MARACANÃS**

*Os nevoeiros de maracanãs  
Estão descendo para o jussaral.  
Elas, juntinhas, aos casaes, irmãs  
Buscam pousadas no cambaúbal.*

*De tagarelas que palestra arde  
Nas vozes d'alma de um selvagem acento!  
Tribus aligeras xegando á tarde,  
Céleres, bravias ao soprar do vento!*

*Tinge-se de rôxo toda a côr do mato  
Numas estrias de formoso véo.  
Mudam-se as águas e o feliz regato  
Beija uma estréla do lilaz do ceo.*

*Ultimos raios! Das balseiras razas  
Douram-se as ramas de clarões finaes.  
Louras cabeças sob lindas azas  
Tontas de sonno não marulham mais.*

*Os nevoeiros das maracanãs  
Estão dormindo pelo matagal  
Elas, juntinhas, aos casaes, irmãs,  
Sonham delicias no cambaúbal.*

## **ARRULOS**

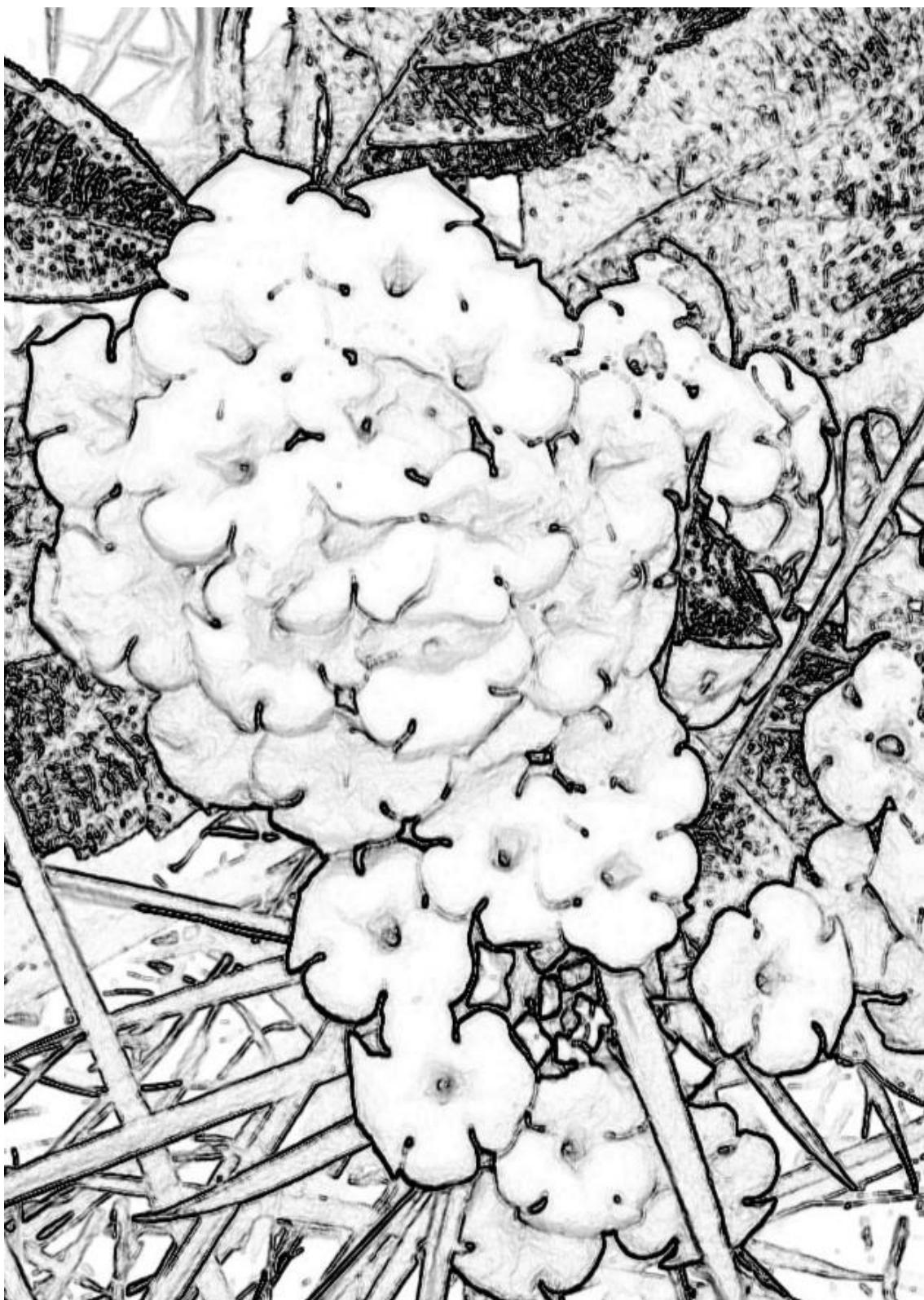
*Arrulam pombas caboclas  
Nas palmas dos coqueiraes,  
Como crianças xorosas  
Naqueles matos-geraes.*

*Que arias no clima ardente.  
Nos ínvios densos raminhos!  
Quanta angustia derramada  
Do peito dos passarinhos!*

*Ha sonhos nas calmarias  
Alguem brinca nas ramagens.  
Aonde vão as ventanias  
A sussurrar nas folhagens?*

*Que melodias eternas...  
Aguas correntes cantando...  
Raíos de sol na floresta,  
Relvas que ondulam xeirando!*

*Nasceram aqui no deserto  
Belezas tão peregrinas:  
Aves, vergéis, prados, sombras,  
Rosaes, palmares, campinas.*



## ***ANGELICAS***

*Bravas angelicas adornando vivem  
As capoeiras no verão ditosas:  
– Na arte esguia de um caniço seco –  
Lindas grinaldas de manhã xeiroosas.*

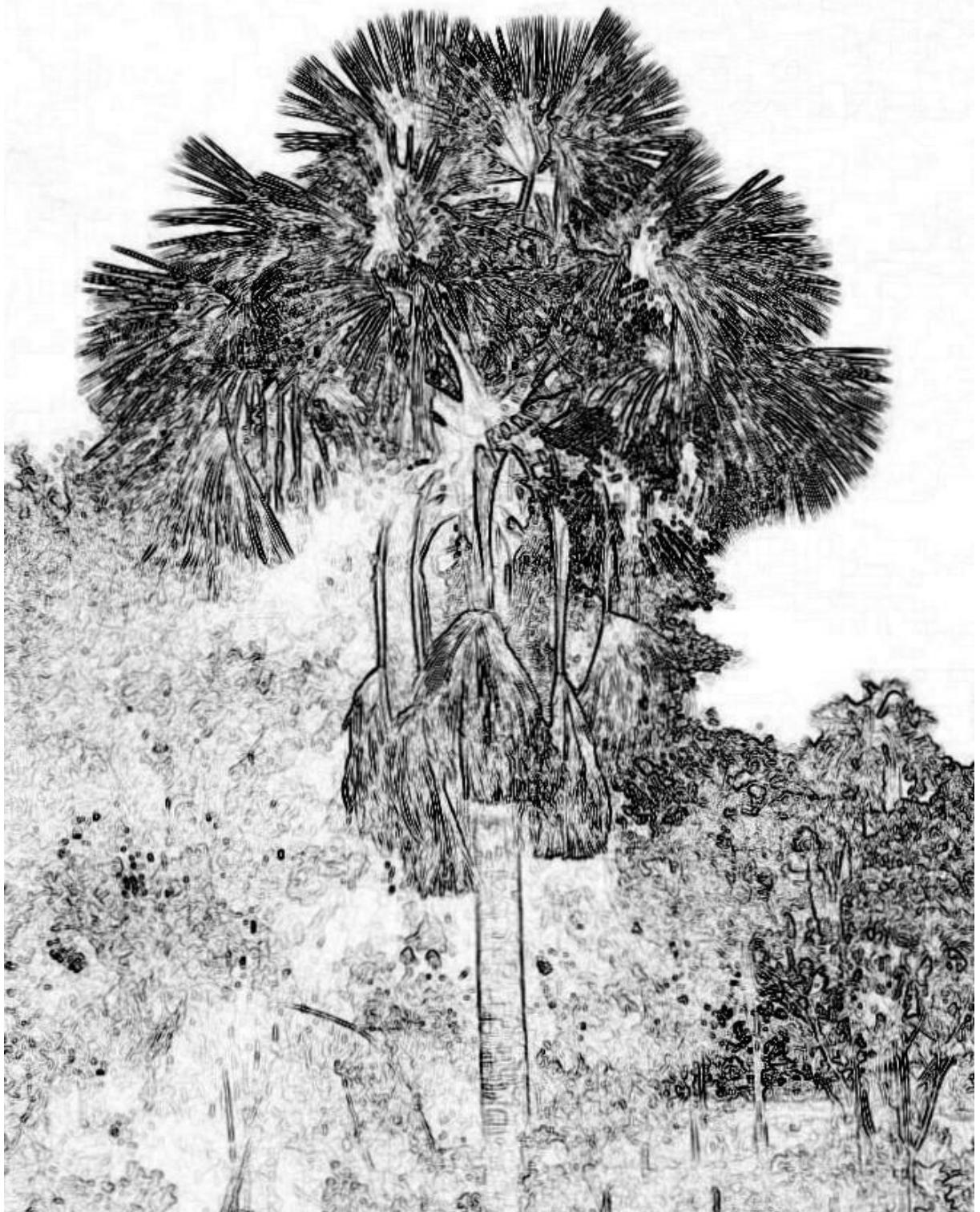
*Num velho tronco a trepadeira sobe,  
Veste de folhas o silvoso monge,  
E em cordoalhas a floresta invade  
Até ás franças da ladeira ao longe.*

*Que panoramas no verdor do mato,  
Que acre aroma nos ramaes tambem!  
Sitos risonhos! Que painéis de flores,  
Visões divinas nos vergeis d'alem!*

*Balança a brisa do sarçal serrano  
O calice aberto de rosido cardo.  
Ha margaridas no rumor sagrado,  
Tambem delicias de xeiroso nardo.*

*Feliz quem pode nos campinos ares  
Gozar instantes de ventura ardente,  
Beijar as frondes, respirar aromas,  
Dando saude que faz bem á gente.*

*Ah! Venturoso! Irradiada e terna  
Hade sentir a viração cismando.  
– Deos – entre as pétalas axará risonho,  
Destas angelicas no sertão xeirando.*



## ***PALMEIRA***

*Adeus, palmeira do vale,  
Imagen da soledade;  
Haste erecta da saudade  
– Palmeira – dos palmeiraes.  
Toda em silencio, ao relento,  
Vibram teus leques ao vento,  
Debaixo do firmamento,  
Porcima dos carrascaes.*

*Adeos, palmeira do monte  
Na altiva crista isolada,  
Atraindo a passarada  
Aos flancos do tombador.  
– Corôa destes silvedos –  
– Sibila destes fraguedos –  
Que dizem estes vargedos?  
Estas bromelias em flor?*

*Adeos, palmeira do ermos  
– Auréa – da solidão!  
Qual a tua vocação  
Em áridas penhas, senhora?  
Profetisa da catedra  
Mácissa... bruta... de pedra...  
Porque teu salmo não medra,  
Alma dos campos sonora?*

*Adeos, palmeira da tarde,  
Beijando as auras do sul,  
Béla tenda, verde, exul  
Nos extases de um santo amor.  
Guerreiras, tibias, errantes,  
Viste as tribus vacilantes  
Com medo dos bandeirantes  
Fugindo ao novo senhor?*

*Adeos, palmeira campestre  
No sertão enluarada!  
Quem te plantou na xapada,  
Tão linda no teu perfil?  
Velando desta ravina,  
Diz a sombra da colina:  
– Foi a estrela vespertina  
Nas alvoradas de anil.*

*Adeos, palmeira da selva,  
Palacio de passarinhos,  
Com os gorgeios dos ninhos,  
Cantando os amores seus!  
Dos teus desertos, agora,  
Minh'alma suspira e xóra;  
Vae partir e vae-se embora...  
Palmeira do vále, adeus!*



***FLOR AZUL***

*Florinha azul dos agrestes,  
De petalas tão delicadas,  
Não tarda o sol da manhã,  
Rompendo das madrugadas.*

*Vem trazer-te um doce beijo  
Em castas xamas de amores,  
Seu crestas outras belezas  
O namorado das flores.*

*Como és linda e tão ditosa  
Aqui nos campos alpestres!  
Quizera um vergel assim,  
Florinha azul dos agrestes!*

## **TUMULOS DO CAMPO**

*Nesta verêda exilada,  
Da tarde ao quente verão,  
Abre os braços nesta estrada  
Velha cruz da redenção.*

*Vém a seus pés sacrosantos  
Noite e dia a treva, a luz.  
Que milagrosos encantos  
Imagen da Santa Cruz!*

*Promessas do ceo sonhando  
Ao calor das azas tuas,  
O' quanta gente esperando  
Por estas leivas tão crúas!*

*E' [ilegível] de granitos  
- Feituras de Jeová -  
Plácidos, azues, infinitos,  
Como que oram acolá.*

*Por aqui, nestas devezas.  
Jazem muitos caminheiros,  
Nesta mudez de tristezas,  
A' sombra destes outeiros.*

*Nenhum branco mausoléo,  
Nenhum tributo de amores,  
Sinão este explendido céo,  
Hervas que dão muitas flores.*

*Agros campos ao relento,  
Rubras rosas da xapada  
E só este o movimento  
Da cismadora morada.*

*Manda aqui a lei divina,  
Curva a fronte a natureza.  
Graves lições nos ensina  
A toda humana grandeza.*

*O mundo cruel, insano,  
Todo ostenta o seu poder.  
Quem se atreve a soberano,  
Perde o pó do seu saber.*

*A serena altura insultam  
As sanhas do altivo orgulho;  
Mas, as estrelas se exultam,  
Não ouvem tanto barulho.*

*E' que as ervas e as florinhas,  
Pela terra rastejando,  
Tem virtudes – as plantinhas –  
De humildes leivas brotando.*

*E felizes, mui felizes  
Camponias nas paz dos campos,  
Dormindo entre matizes  
Na patria dos pirilampos.*

## ***ANDORINHAS***

*Longos sussurros ao cair da tarde!...*

*São andorinhas sob o ceo voando,*

*Alegres, ágeis, desdobrando as azas,*

*De longa ausencia no sertão chegando.*

*Voltam agora dos confins do exilio*

*Ao lar querido que se avista perto.*

*Que ancia ardente de xegar depressa*

*Ao beiral amigo que deixou deserto!*

*Longe da patria que saudade amarga*

*Do filho prodigo – coração partido!*

*Que pensamentos e canções saudosas,*

*Ternas lembranças do torrão querido!*

*Pois bem, minh'alma, nestas bôas vindas,*

*O' tribo errante, que prazer então!*

*Vêem-te meus olhos na ditosa terra,*

*Finda a jornada desta arribação.*

*Lendas bravias passarás cantando*

*Lá de Balbec, de Paliura e a Esfinge,*

*Dessas piramides e o Simoum formoso...*

*Estranhos seculos que o crepusculo tinge.*

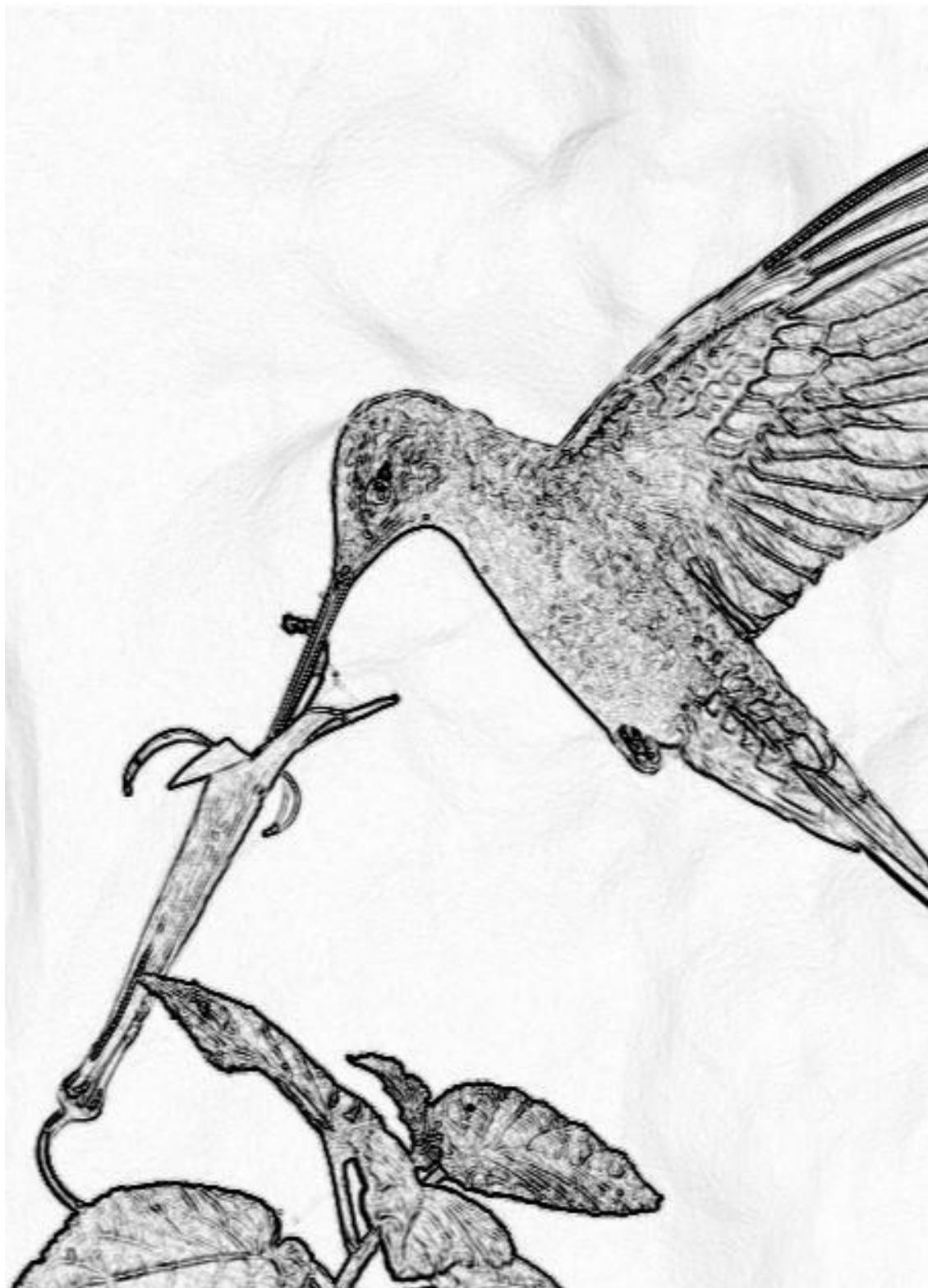
*Talvez fugiste da maldita guerra,*

*Que a humanidade devorando está...*

*Um mar de sangue dessa algoz tormenta*

*De rubras vagas a bramir por lá.*

*Aí! Andorinhas, ao cair da tarde,  
Xeias de espanto no sertão xegando!  
Talvez horrores nos trouxeram cedo  
Aos seios da pátria, corações voando!*



***BEIJA-FLOR***

*Nas margens de um ribeirão,  
Escondido no verðor,  
Encontrei entre os raminhos  
Um ninho de beija-flor.*

*Minuscuso abrigo de amores  
Dos raios das soalheiras  
Não tem medo dos perigos,  
Das aguas, das corredeiras.*

*Dois pepilos siciantes  
Saiam das verdes palmas  
De mimoso casalinho,  
Vagidos de duas almas.*

*Em lindas azas brilhantes,  
Verdes azues luminosas,  
Azas de mãe, côr dos astros,  
Lúcidas estrelas, formosas!*

*E que susto, quanto assombro,  
Traindo ave celeste!  
Se quebrasse esse raminho,  
Deveza, que dor agreste!*

*Sempre o destino arredando  
A onda do mal fragueiro.  
Apenas rumor do vento  
E o murmurar do ribeiro.*

*Ha segredos tão profundos  
Dos vales na imensidão,  
Que uma vez so se os contempla,  
Tão singulares que são.*

*Quem pode na barbara selva  
Inspirar igual primor!  
Quem sabe tecer tão bem  
Um ninho de beija-flor?!*

*Bem longe no firmamento  
Quem faz o astro – Reluz.  
Na eterna maravilha  
So o espirito transluz.*

*Mimosa ave  
Das verdes frondes,  
Aqui te escondes  
Silenciosa;  
Se o campo enflora,  
Tu tens a aurora  
E a luz sonora,  
Harmoniosa.*

*Ha flores novas,  
Lindas capélas,  
Ramas singelas,  
Xeiroosas, lenço;  
Flores amadas  
Das orvalhadas,  
Flores de neves.*

*Vém nestas vigas,  
Vém nestas trilhas  
Das maravilhas  
Colher perfumes  
Nos gravetinhos,  
Nesses caminhos,  
Nesses raminhos,  
Dos vagalumes.*

*Nas margens de um ribeirão,  
Escondido no verdor,  
Encontrei entre a folhagem  
Um ninho de beija-flor.*

*La dessas aves do ermo  
Tão pequena, tão formosa,  
Nenhuma assim carinhosa  
Ao matutino arrebol.  
– Estrela – desse ramalho  
Suspensu num frágil galho,  
Como uma gota de orvalho  
Ferida de um raio de sol.*

*Paz ao ninho teu na riba memorosa,  
Alma da floresta imaculada e pura!  
A teus pés a voragem, a onda marulhosa,  
A brisa que cicia, a folha que murmura.*

## ***FOLHA ERRANTE***

*Folha errante desgarrada,  
Onde te vaes sem guarida,  
Pelos ares desolada  
De vale em vale impelida?*

*Do teu destino eu não sei  
E o tufão não diz – quem!  
Tudo segue a mesma lei,  
Ninguem escapa, ninguem!*

*Tange a rôla dos palmares  
Um sopro de torvelinho.  
Quem sabe se volve aos lares  
O infeliz passarinho?*

*So ela no seu desterro!...  
Traz de si tudo ficou.  
E dentre as pedras do serro  
Um outro norte tomou.*

*Agora á brisa celeste  
Nunca mais sussurrará.  
Coitada da folha agreste!  
O' nunca mais tornará!*

## ***HARMONIAS***

*A' sombra das brejaúbas  
Desce o riacho em torrente,  
Corre, depois, mansamente  
A se espraiar num paul,  
Debaixo das gameleiras,  
Molhando o xão das paineiras  
E as plantinhas forrageiras  
Vestidas de verde azul.*

*Estriam silvestres réstias  
De luz o véio da fonte,  
Onde a imagem do monte  
A' tôna d'agua se mira,  
E as ondas de quando em quando,  
Passam nas praias lavando  
O areial faiuscando  
Centelhas côr de safira.*

*Na trama das ramarias  
Pousam rolinhas cantando  
Assim voando... voando...  
Por dentro dos sipoaes.  
Já o orvalho respinga...  
E a juriti da caatinga  
Geme acolá na restinga  
A' margem dos traçadaes.*

*Na magestade da selva  
Farfalha o carandalu  
Aos trilos de um bemtevi,  
Num chôro de soledade.  
Ouço o susurro do vento  
Pela folhagem, ao relento,  
Trazendo ao firmamento  
O xeiro de uma saudade.*

**POENTE**

*Ultimos raios, enfim! Na florida planície  
De meu sertão estiram-se estas sombras.  
Refrange-se da floresta a imagem luminosa,  
Em remansos de paz – celestiaes alfombras.*

*Da tarde a tibia luz aos poucos se delue  
Nas cabeças azues, por lombadas dos montes.  
Parece estar ali alguem por atalaias  
De sangue e purpura detraz dos horizontes.*

*E lenta muito lenta a noite sae do vale,  
P'ros ceos escarpos socavões galagando,  
Súbito, uma fanfarra! Alerta! São clarins:  
Continencias do ermo – ao sol entrando!*

## **A TARDE**

*Calido clima! Iluminada a tarde  
Toda descamba no Sertão de Minas;  
E quentes raios de um final de estio  
O sol despeja das monções divinas.*

*Na terra adusta a primavera acorda  
E brotam flores sem cessar tambem  
Ha sons falando... não se sabe onde...?  
Vozes, palestras,... não se sabe - quem - ?*

*Agora, xove uma xuva santa  
O po dissipa de roteiros mil;  
E ás rolinhas aos caraes se banham  
Em pôças dagua de uma côr de anil.*

*Trajam-se de galas as silvinas brenhas,  
Ares sentindo de uma luz vivaz.  
Sopram as auras e nesse mar de selvas  
Marulham as vagas de serena paz.*

*E ela a tarde mansa e mansa se estende,  
Desdobra o manto do [ilegível] espaço,  
Imenso, largo, deluido em chamas  
De roseas nuvens no feliz regaço.*

*Que de harmonias nessa invias brumas!  
Quantos acordes na estação ruidosa!  
Quanto delerio nas produndas d'alma!  
Quantos quereres na visão ditosa!*

*E ela?... ela lentamente tomba,  
Nessas espaldas de vagar se afunda.  
Ja no ocaso desabroxam rosas  
De fogo o vale dessa luz se inunda.*

## ***ILUSÃO***

*Com os carinhos de criança  
Da enxente no rastilho  
Soltara palhas de milho  
Nas aguas do Rio-Mar.  
Eram meus barcos boiando,  
A correnteza singrando,  
Barrenta, suja, rolando,  
Ate um porto encontrar;  
Ou alguma costa arribando  
Nas vagas de um outro Mar.*

*Passava assim hora inteira,  
Pensando triste, parado,  
Vendo o Rio arrepiado  
Ao sopro dos temporaes.  
Elas bem leves se iam,  
Como as espumas desciam,  
La muito longe se viam...  
E... apagando os sinaes,  
Ai! Nunca mais tornariam.  
Que saudades! Nunca mais!*

*Volvem-se os anos, revolvem  
As fragras de dura lida.  
Que é isto minha vida,  
Que esperas, meu coração?  
No ceo a nuvem de arminho,  
Sorriso, lagrimas, espinho,  
Constantes maguas – em ninho –  
Palmas de milho... paixão!  
Na terra o mesmo caminho,  
No mundo a mesma ilusão.*

## **O LENHO E O POETA**

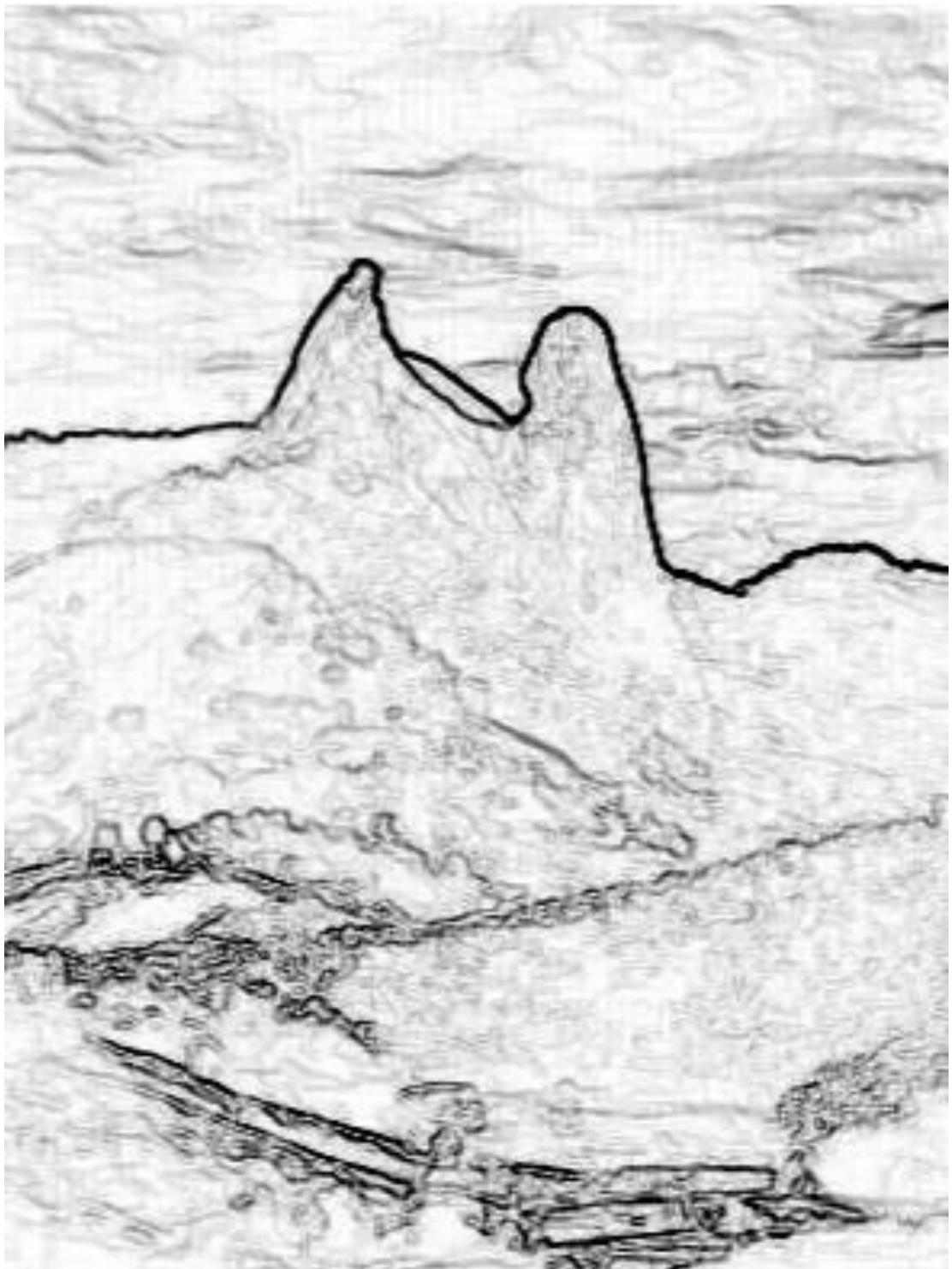
*Dentada curva serrana!  
Bem no topo da ladeira  
Seco tronco de aroeira  
Negreja muito isolado;  
Envolto nesse cenário  
Daquele eterno luminar,  
Ele – o grande [ilegível]  
Dos reis do monte elevado.*

*Das bandas do mato bravo,  
Do temporal na escalada,  
Vem caindo uma rajada  
Outra bem mais singular.  
Não está morto? Pois bem!  
O cerne vida não tém.  
Pra esfarinhal-o porem,  
So quando um raio estalar.*

*O' tronco, filho da selva,  
E' possível, tronco agreste,  
Que tua existencia não preste?  
Porque, então, tu resistes  
Sem tua copa frondosa?  
Qual a quadra mais ditosa,  
Qual a noite mais formosa  
Nesse repouso dos tristes?*

*Não nasci entre pedreiras,  
Não posso ouvir a sentença.  
Os cetros são terra deusa,  
Poesia o vento a levar.  
Agora é tarde que tomba,  
Tu ficas na Arida [ilegível]  
E eu no vale onde a pomba  
Sozinha hade arrular.*

*Ruína em cima da serra  
E leiva embaixo do monte  
Tu tens um alto horizonte,  
Brenha, mato, sombra de luz;  
Mas, um dia – rijo, estreito,  
Será teu lenho meu leito,  
Nós unidos, comeffeto,  
Ao santo sinal da cruz.*



## ***FRADES DE PEDRA***

*Ha dois frades do deserto  
Nesse eterno labirinto,  
Um do outro bem distinto,  
Da pedra no movimento.  
Todos dois a meditar,  
Um não pode escutar,  
Outro não ousa falar,  
Parados sem movimento.*

*Em atitudes de ascetas  
Tém resonancias da fé.  
Um sentado, outro de pé,  
Num ritmo que desabroxa.  
Não tem cabeça o que lê,  
Aquele outro não vê.  
Ambos de pedra! Porque  
Um símbolo na dura róxa?*

*Leitura silenciosa!...  
E' seu livro muito aberto.  
So ele entende, por certo,  
O que nele está escrito.  
O vento murmura:- retro!...  
Que eu aqui não penetro,  
Nem uma silaba soletro,  
É tudo tudo granito!*

*O de pé olha pro xão,  
Correto – veste talar –  
Bem fundo o seu meditar  
Na negra côr dos lagédos.  
Ambos – pendidos lótus –  
Fundiram-se nos séculos remotos  
Nas iras dos terremotos,  
Nas xamãs desses segredos.*

*Caminheiros de passagem,  
Ficam pasmados olhando,  
Sem decifrar murmurando  
Aquela estranha beleza,  
Que solemnes semelhança  
Aos seres nas ermas franças!  
Porque incriveis lembranças  
Nos faustos da natureza?!...*

## **PARTIDA**

*Aqui a terra onde a estrela d'alva  
Lança as centelhas da manhã rorida,  
E o sol de fogo, sem queimar as praias,  
Dá aos barrancos sempre nova vida.*

*Nas lindas tardes, nos serrados campos,  
Desce a canícula no sertão silente,  
E as esmeraldas da floresta verde  
Não sente a calma da fornalha ardente.*

*O monte azula-se na extensão dos ares  
Naquelas brumas onde o céo se esconde.  
Cantos sonoros e gorgeios d'ave  
Por toda a parte e não se sabe onde.*

*Recessos d'alma são da pátria amada,  
Partindo os filhos do torrão querido  
Que magua fica, que ternura exála  
Materno seio – coração partido.*

## ***ADEUS! Á BOA VISTA***

*Adeus! Bôa vista, adeus!  
Adeus! Ó sitio risonho,  
Onde passei breve sonho  
Da flor de minha ilusão.  
Levo-te vivo na mente  
Com esta luz soridente  
Da tarde agreste inocente,  
Escrita em meu coração.*

*Levo teus antros azues,  
Teus vales silenciosos,  
Os teus painéis memorosos  
Nos romurejos da mata,  
Estas encostas solenes.  
As aguas puras, perenes,  
Dos teus riaxos inpenes,  
Dos teus ribeiros de prata.*

*Ao viandante que passa,  
Ao deixar teus ceos e montes,  
Dizem adeus os horizontes,  
Verêdas, pindaibaes,  
Deste lar estas mangueiras,  
As frondes das gameleiras,  
Aquelas verdes palmeiras  
E as sombras dos baruzaes.*

*Belas rosas se desfolham,  
Por tuas veigas xeirando;  
O coqueiral susurrando,  
Esguios leques espalma.  
Frouxos raios de luares,  
– vias de luz estelares –  
E sons errantes nos ares  
São cantos que levo n'álma.*

*No pino das cambaúbas  
De caminhos solitários  
Visitei teus santuários,  
Nos tumulos dos teus orei.  
Ao lado dessas ruinas,  
Que falam mudas, divinas,  
No fundo dessas ravinas  
Seculos de luz encontrei.*

*Nas ardentes da tarde  
Entre troncos seculares,  
Cobertas de nenhufares  
Sentei-me á ribas fragueiras;  
Bebi das aguas nevadas,  
Dos flancos dessas xapadas,  
Vi de serras azuladas  
O cimo das cordilheiras.*

*Ah! Tudo isto, querida,  
Que breve passa na terra,  
Tantos poemas encerra,  
Que não os ei de esquecer.  
E's a aurora entre negrumes,  
Entre espinhos e perfumes,  
Fadada de eternos lumes  
Que exalam sem fenece.*

*Adeus! Bôa vista, adeus!  
Adeus! Ó sitio risonho,  
Onde passei breve sonho  
Da minha triste ilusão.  
Levo-te vivo na mente  
Com esta luz soridente  
Da tarde agreste, inocente,  
Escrita em meu coração.*

## **NENIA**

### ***A memoria de Manoel Salgado***

*Dorme trovador, tu que soubeste  
Cantar na lira os dons da natureza!  
Na terra avermelhada a luz da tarde agreste  
Tece-te numa corôa de imortal beleza.*

*Tu repousas, bardo, tu somente sonhas  
Ao som dos ventos, aos écos dos serrados.  
Saudosas para sempre selvas tão risonhas  
Lembram o nome teu aqui nos descampados.*

*O' não despertes. Dorme á sombra amiga  
Que os tingaes te dão e os cajueiros.  
Gigante os ceos daquellas catandubas.  
Descansa, sê feliz, ao pé desses outeiros.*

## ***SAUDADE***

### ***A' memoria de João S. Pessôa***

*Em terra estranha descansa o peregrino  
De [ilegível] maguas a termino da viagem.  
Uma ermida no campo, num ceo azul.  
Uma cova sem sombra, nem folhagem.*

*Dão-lhe perfume a aurora, a tarde orvalho,  
Beijos de amor a brisa que ali vae.  
Em silencio contempla-o a cruz da estrada.  
Horas mortas a neve quando cae.*

*Neste lar, então, ao duro exílio  
Divinas Arias suspiram um doce alvor.  
Estão a xoviscar os raios duma estrela.  
- Estrela matutina - agora do pastor.*

*Tece, visão dos ceos, a luz bendita  
De relvas em vigilia o manto enorme.  
Porque não o vejo levaria comigo  
Um punhado de terra onde ele dorme.*



## ***FLORES AGRESTES***

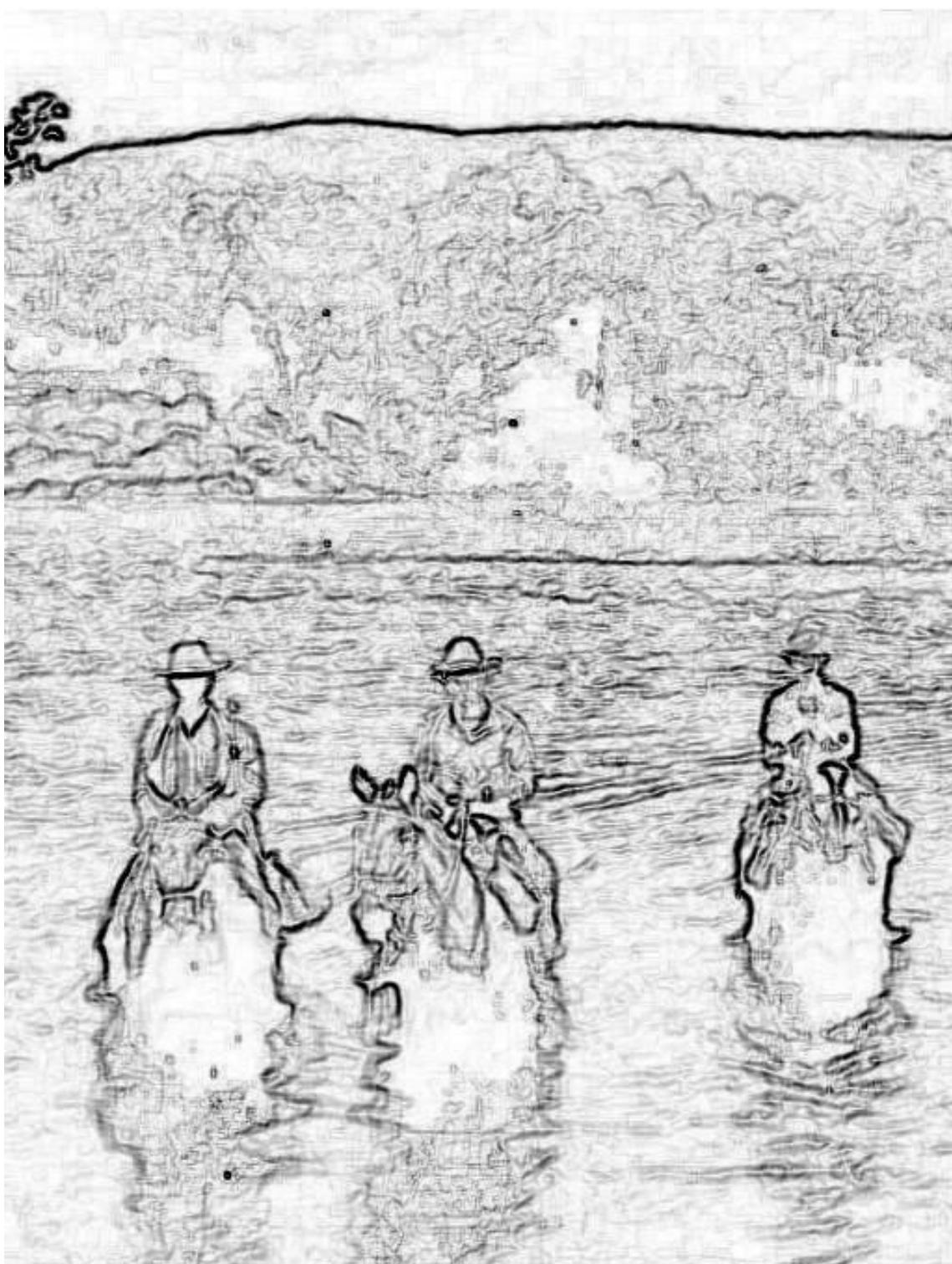
*Que mãos celestes vos teceram, ó flores,  
Anjos dos vales ao terral caindo?  
Mantos divinos, que painéis mimosos,  
Flores agrestes no sertão se abrindo?!*

*Quem deu relêvos ao bouquet que ostenta  
Finos perfumes que exalando estão  
A's borboletas nas xeiroosas ramas  
A erva humilde no relvoso xão?*

*Tinta dos iris que formoso encanto  
Da margaridas na dourada alfombra,  
Das madresilvas orvalhadas bélas,  
Dos malvaiscos na ditosa sombra!*

*Uma alegria na folhagem abrasta  
– Bardos dos ninhos – as canoras aves.  
Forram-se de petalas os sonoros prados  
De rosas soltas ás canções suaves.*

*Que mãos celestes vos teceram, ó flores,  
Anjos do mato do sertão infindo!  
Que doce aragem no rosal dos montes,  
Visões efemeras que acabaes sorrindo?*



## ***O URUCUIA***

### ***(lenda - poemeto)***

*Daria Nossa Senhor na sua Omnipotencia  
Um dia de audiência  
Aos Rios do Brasil,  
Do visu das Guianas,  
Do mar ao Guaporé, da floresta ás savanas,  
A' fonte mais serril.*

*E a boa nova correu, vibrou alviçareira,  
De cordilheira á cordilheira,  
Da terra ao Oceano,  
Em calidas vertentes.  
Esperam os Reis das selvas, soberbos e potentes  
O celeste Soberano.*

*De solarengos rincões é longa a caravana  
Da patria americana.  
Cada curso um direito  
Exige na contenda.  
E das flamineas aguas ondeia cada tenda  
A' pompa do seu leito.*

*Um d'acolá, do salso itinerário,  
Requer um estuário,  
Este, assás profundo.  
Piscoso, densas vagas.  
Aquel'outro a extensão de imensas plagas...  
O comando do mundo.*

*Ja de egregia assembléa aos ventos soltos,  
Em turbilhões revoltos,  
Fortes se agitam.  
Irados uns, outros serenos,  
Cada qual mais eloquente, outros palpita.  
Sentem-se pequenos.*

*Chega o dia aprazado. Ouve-os o Senhor:  
Um pedido, um favor,  
Um sorriso da graça,  
Um raio divinal;  
E a todos cede da foz á fonte e passa  
Em viagem eternal.*

*Subia assim divino o Rio São Francisco  
– O gigante basilisco –  
A branca estrada  
Do Brasil Interior,  
Quando ouvira um susurro de vaga encapelada:  
Senhor! Senhor!*

*Ia bem longe o Onipotente. Volve os olhos  
Por entre escolhas  
Daquele extraordinário.  
Num raio de aleluia  
Soberbo tributário  
Era o Urucuia.*

*Romzia o Paranapetinga a massa enorme  
Rijo, disforme...  
Luta insana...  
D'agua levantando,  
Confluencia acima, montanha que espadanava,  
Os ecos acordando.*

*Alem, então, descendo daquela magestade  
Um gesto de bondade,  
Ternura peregrina  
As preces escutando  
Alça no espaço a dextra – mão divina –  
O Rio abençoando.*

*Por isso os seus vales são férteis, ditosos,  
Tezouros encerram, celeiros também.  
As selvas são virgens umbrosas, florentes,  
Tem serras ferazes que os outros não têm.*

*Rasgando penêdos,  
Partindo rochedos,  
Deixanto arvorêdos,  
Mil fragas atraz.  
Ribeiros valentes  
Despejam torrentes  
De aguas vertentes  
Dos seus araxás.*

*E os outros abrindo,  
Nos montes rugindo  
Descendo e subindo  
No seu murmurar,  
Dos ermos incertos,  
De campos cobertos,  
Transpõe os desertos  
Em busca do Mar.*



## ***O Autor e sua Obra<sup>1</sup>***



**M**anoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.<sup>2</sup> Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com

<sup>1</sup> Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

<sup>2</sup> Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarense tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele

irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a via-crucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarchia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Vento Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fêz morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Melloes*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.

Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nélson Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em

virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Melllos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

*Pedro Borges Pimenta Júnior*

*Januária — MG, 11 de agosto de 2021.*

